

# OPINIÃO DE DOCENTES ACERCA DA RELAÇÃO ENTRE PROGRAMAS TELEVISIVOS E VIOLÊNCIA INFANTIL EM AMBIENTES EDUCACIONAIS\*

Cristiany Gomes Andriola<sup>1</sup>  
Wagner Bandeira Andriola<sup>2</sup>

## Resumo

A investigação teve como objetivo central verificar a opinião de professoras do ensino infantil acerca da influência de programas televisivos sobre a violência infantil no ambiente escolar. Para tal foram entrevistadas oito docentes de uma instituição particular de educação da cidade de Fortaleza. Os resultados revelam que os docentes convergem para a aceitação de que há, de fato, relação entre o fenômeno da violência infantil como sendo efeito de alguns tipos de programas televisivos aos quais os infantes são submetidos com maior grau de regularidade.

**Palavras-chave:** Violência infantil. Educação infantil. Televisão.

## Abstract

This investigation had as its central objective the verification of the opinions of primary school teachers concerning the influence of television programs on youth violence in school environments. Eight teachers from a privately run college in Fortaleza were interviewed. The results showed that there was a convergence of opinions among the teachers indicating a relationship between the phenomenon of youth violence and certain television programs that the youths watched with some regularity.

**Keywords:** Youth violence. Primary education. Television.

## Introdução

Conforme assevera Verdú (2000), a televisão é, atualmente, mais um dos diversos meios de comunicação utilizados no mundo. Nesse âmbito, não é exagerado afirmar que se trata do mais poderoso meio moderno de influência sobre as pessoas; trata-se de um veículo de expressão da arte, que tem técnica e linguagem própria, conforme asseveram Clemente Díaz e Vidal Vázquez (1996). Men-

cionando aos meios de comunicação em geral, Rodríguez Neira (2000, p. 140-141) chega a afirmar que:

En ningún otro momento de la historia la presencia de estos medios había sido tan poderosa y tan omnímoda como en la actualidad. Disfrutaban de un poder de convocatoria que impregna todos los aspectos de la vida. Llegan a todas partes y penetran en todos los

\* Artigo recebido em: setembro de 2006.

\* Aceito em: novembro de 2006.

<sup>1</sup> Pedagoga (Universidade de Fortaleza); Especialista em Gestão da Qualidade Empresarial (UFC/FIEC); Coordenadora de Recursos Humanos (PROVIDER).

<sup>2</sup> Psicólogo (Universidade Federal da Paraíba); Especialista em Psicometria (Universidade de Brasília); Mestre em Psicologia Social e do Trabalho (Universidade de Brasília); Doutor em Filosofia e Ciências da Educação (Universidad Complutense de Madrid); Professor da Universidade Federal do Ceará (UFC); Coordenador de Análise Institucional e Avaliação (PRPL/UFC); Avaliador Institucional (DEAES/INEP/MEC).

rincones. [...] tienen cada vez más poder de fusión y de provocación.

Devido a seu baixo custo de aquisição, a televisão como objeto de consumo, é um produto que está presente em praticamente todas as moradias brasileiras. Neste contexto, poderíamos dizer que é um “convidado permanente” nas casas. Este acontecimento proporciona uma serie de aspectos positivos, dentre os quais destacamos:

- A democratização do acesso da população às notícias;
- A possibilidade de participação de setores marginalizados da sociedade em alguns programas que lutam por seus direitos, etc.;
- A possibilidade das crianças menos favorecidas socialmente terem estímulos que as ajudem no seu desenvolvimento cognitivo.

Não obstante, também é necessário reconhecer os efeitos negativos da televisão. Devemos enfatizar que um dos segmentos mais influenciados pelos programas televisivos é o composto pelas crianças em idade escolar (PALMER; DORR, 1980). Dado o seu nível de desenvolvimento cognitivo e, sobretudo, moral, as crianças formam uma população facilmente influenciável pelos conteúdos dos programas televisivos. Por exemplo, é cada vez mais freqüentes a apresentação de programas com cenas de sexo em horários inadequados; a divulgação de cenas de violência em programas e filmes “familiares” etc. (DÍAZ-AGUADO; MARTÍNEZARIAS; MARTÍN SEOANE, 2004).

Os referidos programas proporcionam, em um grau maior ou menor, novas aprendizagens. O problema está no fato de que as novas aprendizagens podem ter a característica de serem aceitáveis ou inaceitáveis no contexto social. Assim, estamos entrando num

debate a respeito da qualidade das novas aprendizagens que os programas televisivos proporcionam às crianças em idade escolar.

Os pais de família podem fazer dela um elemento positivo para a recreação e a educação de seus filhos. Não é certo que os pais sejam impotentes diante da avalanche dos conteúdos negativos da televisão. Eles possuem uma capacidade educadora e de mudança muito grande. É questão de senso comum e de analisar bem o que devem ou não ver seus filhos. Como nos recorda Yarce (1993, p. 7), “saber ver televisão é algo que se aprende”. É exatamente neste trabalho de ensinar bem as crianças a verem televisão que estão situados os pais e os professores. Nesse ponto, convém aclarar algumas concepções acerca da idéia de criança.

### **Concepções de Criança e Infância**

A criança sempre esteve presente no mundo, nas diferentes sociedades das mais simples às complexas formas de organização. No entanto, a sua conceituação está articulada ao contexto histórico vivenciado nas relações sociais, estabelecidas pela conjuntura político-econômica presentes em uma dada sociedade. As concepções e papéis atribuídos à criança ao longo da história da humanidade diferenciam-se, pois a criança inicialmente era considerada um ser imperceptível, quase invisível, um adulto em miniatura. Kramer (1995, p. 19) ao discutir a existência da concepção de infância, afirma que:

A idéia de infância não existiu sempre e da mesma maneira. Ao contrário, ela apareceu com a sociedade capitalista, urbano industrial. Na medida em que mudam a inserção e o papel social da criança na comunidade. Se na sociedade feudal, a criança exercia um papel produtivo direto (de adulto) assim que ultrapassava o período de alta

mortalidade, na sociedade burguesa ela passa a ser alguém que precisa ser cuidada, escolarizada e preparada para uma atuação futura. Este conceito de infância é determinado historicamente pela modificação nas formas de organização da sociedade.

Atualmente, a criança é apresentada como o sujeito de direitos, um cidadão a partir de uma concepção construída através de muito estudo e discussões fomentadas pelo posicionamento político de garantia dos direitos da criança. Essa demanda social é impulsionada também pela luta do movimento de mulheres por creches, pelo interesse de especialistas em ressignificar o atendimento à criança, oferecendo embasamento teórico consistente para a construção de uma política pública que, na prática, garanta a efetivação dos direitos da criança.

Ao serem questionadas as concepções de criança, existentes em diferentes épocas, paralelamente se questionam também vários aspectos, como exemplo: o atendimento à criança, as instituições que oferecem atendimento, o desenvolvimento infantil e como este se constrói, considerando as diversas abordagens dos diferentes ramos sociais nos quais se destacam a educação, a saúde, a justiça e a assistência. As concepções de infância vêm sendo construídas em meio às contradições existentes na sociedade, caracterizando-se como uma produção histórico-social, ultrapassando interpretações meramente generalistas e limitadas por etapas definidas, a partir de períodos cronológicos.

A ressignificação da infância se deve ao fato de buscar-se um novo olhar sobre a criança que, mesmo sendo um sujeito de pouca idade, mas de direitos, possui especificidades que lhes são peculiares, que as distinguem dos adultos e que na plenitude da riqueza de suas potencialidades está inserida

num contexto histórico que, às vezes, é injusto e excludente, contraditoriamente negando a cidadania não só das crianças, mas da população de modo geral. Não obstante, haveremos de compreender as etapas presentes no desenvolvimento da criança.

## Desenvolvimento Psicológico da Criança

Trabalhos de psicólogos, psicopedagogos, sociólogos, médicos e pediatras, enfatizam que uma criança “não é um adulto a escala reduzida, caracterizado por seu estado incompleto e sua imperfeição”. A criança é um organismo em desenvolvimento, relativamente completo e perfeito: um organismo em desenvolvimento que forma, em cada idade, um todo. Para esclarecer o exposto trataremos cada aspecto por separado.

- *Físico*: é um corpo em desenvolvimento rápido, com todas as repercussões que isto trará consigo, pois sabemos como a dimensão fisiológica influi na intelectual, na afetiva e na comportamental. Por outro lado, desenvolvimento rápido significa *fragilidade* (por tanto, precauções constantes). Desenvolvimento é também ritmo de crescimento, etapas, crises, regressões que há de se conhecer e respeitar, para não exigirem-se esforços muito intensos em certas épocas.
- *Afetivo*: a motivação é o estado normal do bebê, dominado por sua afetividade, suas emoções e mais tarde por seus sentimentos. O desenvolvimento afetivo tem também suas leis: de um estado emocional inicial, a criança passaria ao estado das emoções diferenciadas, e das tendências afetivas muito primitivas passaria a sentimentos mais intelectualizados e mais ricos diante da grande influência da *maduração* biológica, da *experiência* que permite a adaptação a situações, e da *imitação* dos comporta-

mentos emocionais dos adultos. Segundo a psicanálise, por outra parte, o desenvolvimento afetivo obedece ao princípio do *prazer* e segue diversas etapas bem definidas.

- *Intelectual*: o conhecimento das modificações das estruturas psíquicas necessita de profundo estudo psicológico. Sem embargo, há que se levar em conta que estas modificações engendram tipos de comportamento que mudam à medida que a criança cresce.

Chegado a esse ponto faz-se mister tentar relacionar como programas televisivos podem gerar novos padrões de comportamentos nos infantes em idade escolar.

### **Televisão e Aquisição de Novos Comportamentos**

Poderíamos dizer que, igual aos produtos farmacêuticos, a televisão tem sua própria composição, seus ingredientes, suas indicações e contra-indicações, seus efeitos secundários e a possibilidade de “intoxicação” (GARCÍA SILBERMAN; RAMOS LIRA, 1998). Há de se evitar que os hábitos da família se submetam à ditadura da televisão. Isto se consegue sempre que os pais ensinam a seus filhos, com seu próprio exemplo e com o devido diálogo, como usar a televisão positivamente, evitando seus efeitos negativos.

Com os adolescentes, jovens e, sobretudo, crianças, o exemplo vale muito. Aos pequenos e grandes, devemos de inculcar que há outras atividades distantes da televisão, que são atrativas e fáceis de empreender (PALMER; DORR, 1980). Por exemplo, às vezes, na hora das refeições pode haver uma comunicação familiar. Não se podem substituir esses momentos pela televisão, pois assim acabar-se-ia anulando o diálogo.

De acordo com Vallejo Nágera (1987, p. 19):

La televisión reemplaza el esfuerzo que tienen que realizar los padres para soportar la carga familiar. Pero en el fondo todos los padres se sienten culpables porque con la televisión están fomentando la falta de contacto directo entre los miembros de la familia.

Há que se enfatizar que os benefícios da televisão, em termos de informação, entretenimento e cultura, são efetivos se os pais souberem canalizá-los, escolhendo os programas e fixando horários, que podem fazer contando com as iniciativas e aportes de seus filhos, de acordo com suas idades (ANDRIOLA; ANDRIOLA, 2003). Para Yarce (1993), o problema não está nos programas emitidos, mas sim na falta de critério ao selecionar a oferta televisiva.

Não existe uma visão única acerca da influência da televisão sobre os comportamentos dos espectadores. Por exemplo, Yarce (1993) destaca que a televisão reflete o que é a sociedade e a sociedade reflete o que ela é. Já Quintana Cabanas (2000) opina que a televisão, mais que uma causa das atitudes e dos valores dos espectadores, é um produto dos mesmos.

Sem embargo, na vida real se põem em prática coisas aprendidas na televisão, tais como, o uso de armas, comportamentos agressivos, delitos sexuais, etc., e levam-se à tela histórias ou acontecimentos violentos que ocorrem na realidade. Observamos, então, que a televisão responde a uns padrões básicos ou idéias mães, aceitas pelo público, que se podem aplicar a quase todos os gêneros de programas (DÍAZ-AGUADO; MARTÍNEZ ARIAS, 2001). Yarce (1993) destaca três classes de idéias mães muito diferentes nos seus conteúdos mas que, igualmente, têm efetiva influencia sobre os comportamentos dos jovens:

- O amor: e com ele a sensualidade, o erotismo, o sexo, a pornografia e todas as manifestações ou conseqüências do amor. Produz nas pessoas sentimentalismo, romantismo, fidelidade e infidelidade, triângulos amorosos, traições, etc. O tipo de programa que encarna melhor este tipo de padrão é o melodrama, telenovela;
- A violência: em todas as suas formas (assassinatos, seqüestros, atos terroristas, massacres, torturas, droga, violações, raptos, abusos e crianças e adolescentes, violência psicológica ou moral, etc.), tanto em programas de ação e aventura, policial ou de terror, infantis e juvenis, dá-se esta constante;
- O “mais além”: tudo o que tem que ver com o sobrenatural, religião, magia, mitologia, feitiçaria, adivinhação, ciência-ficção do “mais além”, personagens com poderes sobrenaturais, etc.

Estas idéias matrizes são apresentadas na televisão através de diversas formas e programas, proporcionando às crianças padrões de comportamento que são facilmente internalizados, aprendidos e explicitados. Decorre, então, perguntamo-nos: estarão as crianças em idade pré-escolar emitindo comportamentos agressivos resultantes dos seus hábitos televisivos?

## Método

Tratou-se de estudo ex-post facto, do tipo pesquisa de campo, já que os dados foram coletados in situ, isto é, no ambiente natural (a escola) no qual os professores exercem sua profissão. O procedimento para a coleta de dados deu-se através da aplicação individualizada de um questionário contendo sete perguntas fechadas que abordavam a influência da televisão sobre os comportamentos de aprendizes da educação infantil.

## Amostra

A amostra foi composta por oito professores de uma escola particular da Cidade de Fortaleza, todos do gênero feminino, com idade média de 37 anos e com tempo de atuação no âmbito da educação infantil variando de dois a nove anos, em turmas que tinham em média 21 alunos.

## Resultados

Como enfatizado, a indagação inicial abordou a possível relação entre programas televisivos e o fenômeno da violência infantil. Nesse sentido, todos os oito professores expressaram a crença de que, efetivamente, tal associação existe, isto é: a televisão fomenta a violência infantil. Perguntados acerca da suposta diferença entre meninos e meninas, no que diz respeito aos modos ou as maneiras de expressão dos comportamentos agressivos, houve unanimidade nas respostas: todos concordam em que há diferença entre os gêneros. Para explicar tal diferença as professoras destacaram os seguintes fatores:

- Determinantes culturais, que acentuam e as diferenças entre os gêneros através do condicionamento e do reforço dos papéis de homens e mulheres na sociedade moderna (ressaltado por 62,5% das entrevistadas);
- Determinantes biológicos, responsáveis pelas peculiaridades e pelas distinções biológicas, físicas e fisiológicas entre os gêneros (destacado por 12,5% dos respondentes);
- Junção dos determinantes biológicos e culturais, que foram, ambos, enumerados por 25% das professoras.

Sondadas acerca da emissão de comportamentos que refletem imitações de pro-

tagonistas de filmes e/ou desenhos animados, 87,5% atestaram que, efetivamente, os observam no seu dia-a-dia escolar. Destacaram os seguintes comportamentos como sendo as mais características imitações:

- Simulação de lutas e uso de armas, que foi enumerado por 63,6% das entrevistadas;
- Discussões em pequenos grupos cujos membros encarnam personagens infantis, anunciada por 27,3% das professoras;
- Simulação de imunidade ao perigo, enfatizada por 9,1% das respondentes.

As professoras destacaram que os aprendizes costumam brincar na escola com jogos e brinquedos trazidos da própria residência, sendo os mais frequentemente usados:

- Bonecos de super-heróis (enumerado por 45,5% das partícipes);
- Jogos de regras (enfatizado por 36,4% das respondentes);
- Bolas de futebol (conforme destacaram 18,1% das professoras).

Para 75% das professoras, os desenhos e redações refletem os efeitos da violência infantil. Destacaram que os comportamentos refletidos nos desenhos e nas redações são:

- Lutas, anunciada por 50% das professoras;
- Histórias de terror, enumeradas por 25% das respondentes;
- Assaltos, enfatizados por 12,5% das partícipes;
- Morte, anunciada por 12,5% das professoras.

Afortunadamente, as professoras são unânimes em afirmar que os pais podem controlar o livre acesso dos filhos aos programas

televisivos através de:

- Determinação de horários, anunciada por 41,6% das professoras;
- Monitoramento da natureza ou tipo de programa, enfatizado por 41,6% das respondentes;
- Estimulação de atividades alternativas à televisão, enumerada por 16,8% das partícipes.

Há unanimidade quanto ao papel dos professores na educação dos alunos e no incentivo à não-agressão. Para tanto haverá que:

- Buscar o diálogo constante com os alunos, enumerada por 42,6% dos docentes;
- Incentivar o respeito aos outros, citada por 23,1% dos entrevistados;
- Refletir acerca das regras estabelecidas na escola e na sala de aula, enfatizada por 30,7% dos partícipes.

## Conclusões

As informações brindadas pelas oito docentes da instituição educacional investigada permitem-nos constatar o que se segue:

- Existem, de fato, comportamentos agressivos ou violentos, típicos dos meninos;
- Alguns programas televisivos contribuem para o incremento desses comportamentos que se verificam no âmbito escolar;
- Os pais podem e devem contribuir para diminuir tais comportamentos através (i) do controle dos programas televisivos inadequados aos infantes, (ii) do diálogo constante com os filhos, (iii) da reflexão coletiva, resultante do diálogo e, por fim, (iv) do bom exemplo;
- Os docentes também podem e devem ensinar valores humanos aos seus aprendizes, de acordo com códigos de

ética e de moral preconizados pelas sociedades modernas (solidariedade, justiça, respeito às minorias, liberdade, responsabilidade, etc.);

- A escola também exerce papel fundamental nesse contexto. Poderá contribuir para a diminuição do fenômeno da violência infantil através do oferecimento de cursos de formação do seu professorado e da organização de currículos que trabalhem alguns dos valores humanos acima mencionados.

Para finalizar, devemos destacar que, atualmente, a violência infantil no contexto educacional é um dos mais graves proble-

mas a afligir educadores e gestores educacionais. Sabemos que a solução não é fácil, tampouco simplória. A sociedade moderna demanda das instituições escolares uma formação que ajude aos seus aprendizes desenvolverem-se plenamente, como pessoas humanas, como cidadãos e como futuros profissionais, tomando como referência valores como os destacados anteriormente. Para tal, as famílias e os pais devem proporcionar orientações, conversas, reflexões e bons exemplos, de modo sistemático e constante. Sendo assim, há um antigo adágio latino que pode ser bem aplicado nesse âmbito: *basis virtutum constantia* (a constância é a base das virtudes).

---

## Referências

ANDRIOLA, W. B.; ANDRIOLA, C. G. La orientación pedagógica y el fenómeno de la violencia infantil en el ámbito educativo español: el caso del Colegio Público San Gregorio. In: W. B. ANDRIOLA; B. C. Mc DONALD (Org.). **Avaliação**. Fiat lux em Educação. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2003. p. 193-209.

CLEMENTE DÍAZ, M., Y VIDAL VÁZQUEZ, M. A. **Violencia y televisión**. Madrid: Noesis, 1996.

DÍAZ-AGUADO, M. J.; MARTÍNEZ ARIAS, R. **La construcción de la igualdad y la prevención de la violencia contra la mujer desde la educación secundaria**. Madrid: Instituto de la Mujer, Ministerio de Trabajo y Asuntos Sociales, 2001.

DÍAZ-AGUADO, M. J.; MARTÍNEZ ARIAS, R.; MARTÍN SEOANE, G. **Prevención de la violencia y lucha contra la exclusión desde la adolescencia, volumen uno: La violencia entre iguales en la escuela y en el ocio. Estudios comparativos e instrumentos de valuación**. Madrid: Instituto de la Juventud, 2004.

GARCÍA SILBERMAN, S.; RAMOS LIRA, L. **Medios de comunicación y violencia**. México: Fondo de Cultura Económica, 1998.

PALMER, E. L.; DORR, A. **Children and the faces of television**. Teaching, Violence, Selling. New York: Academic Press, 1980.

QUINTANA CABANAS, J. M. La educación en valores más allá de las instituciones escolares: iniciativas sociales en educación informal. **Ponencias del XII Congreso Nacional y I Iberoamericano de Pedagogía** (Tomo I), 2000. p. 173-198.

RODRÍGUEZ NEIRA, T. Educación social. Sociedad en cambio y cambio de valoraciones. El desconcierto moral. **Ponencias del XII Congreso Nacional y Iberoamericano de Pedagogía** (Tomo I), 2000. p. 137-155.

VALLEJO NÁGERA, A. **Mi hijo ya no juega, solo ve la TV**. ¿Qué puedo hacer? Madrid: Ediciones Temas de Hoy, 1987.

VERDÚ, V. **El planeta americano**. Barcelona: Anagrama, 2000.

YARCE, J. **Televisión y familia**. Madrid: Palabra, 1993.